



Número um com Ensino Superior de qualidade

Instituição é considerada a melhor entre as particulares

DIOGO MADUELL



A PUC-Rio é a melhor instituição de ensino superior particular do Brasil, segundo o Guia do Estudante, da Editora Abril. Trinta e quatro cursos foram avaliados pelo site, 23 classificados com cinco es-

telas. Considerada a Universidade do Ano e a melhor por área de conhecimento em Ciências Sociais e Humanas pelo Prêmio Melhores Universidades 2015, a PUC-Rio se destaca pelo campus inte-

grado. Além disso, está na primeira colocação, entre as universidades privadas, no Ranking Universitário Folha (RUF), e em quarto lugar no QS World Rankings, da Quacquarelli Symonds. **PÁGINA 3**

Questões ambientais em discussão

A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, e a presidente do Ibama, Marilene Ramos, estiveram na Universidade para debater assuntos ligados ao meio ambiente. Em um debate, Izabella discutiu a importância da Laudato Sí para a conscientização da sociedade. Em outro encontro, Marilene abordou os desafios e metas da gestão ambiental no Brasil. **PÁGINA 4**

Participação acima da expectativa

Com sucesso de vendas, a editora participou, pela oitava edição consecutiva, da maior feira de livros da América Latina. O estande fez parte da área da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu), no Pavilhão Laranja do Riocentro, em Jacarepaguá. Ao todo, cerca de 675 mil pessoas passaram pela Bienal durante os dez dias da feira. **PÁGINA 9**

50 anos de história da Jovem Guarda

PÁGINA 11

Os planos de trabalho para o INT

O professor Fernando Rizzo, do Departamento de Engenharia Elétrica, tomou posse como diretor do Instituto Nacional de Tecnologia (INT), no início do mês de setembro. No discurso de posse, Rizzo ressaltou o desafio de organizar um grupo de trabalho com visões diferentes, composto por jovens e por profissionais mais experientes. **PÁGINA 5**



MATHEUS SALGADO

O ministro Aldo Rebelo compareceu à cerimônia de posse de Rizzo

Iniciativas pela paz e pelo bem comum

A urgente reflexão sobre como superar as diversas formas de violência é tema de debate no mundo. Professores da Uni-

versidade analisam as causas dos conflitos e destacam a importância de promover a cultura da paz. **PÁGINAS 6 E 7**

REITOR

No artigo desta edição, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., convida a comunidade a refletir e repensar as posturas e as ações sobre tudo que o Criador colocou em nossas mãos, dentro da análise da Encíclica do Papa Francisco, a Laudato Sí. **PÁGINA 2**

REITOR

Críticas para refletir e mudar



No texto da nova Encíclica, *Laudato Sí*, o Papa Francisco faz várias críticas quanto ao nosso modo de pensar, ser e agir num mundo que vive hoje uma grave crise socioambiental. Todas essas críticas nos ajudam a refletir e repensar nossas posturas e ações, tendo em vista a responsabilidade que temos diante de tudo aquilo que o Criador colocou em nossas mãos, para que pudéssemos administrar com sabedoria. No presente artigo selecionamos algumas dessas críticas, para que as mesmas possam nos ajudar naquilo que o Pontífice chama de conversão ecológica, aspecto tão enfatizado no documento.

A primeira crítica diz respeito à visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada. Para o Papa, este comportamento além de consumir e destruir exageradamente os recursos disponíveis no planeta, tende também a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural que é um tesouro da humanidade. O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou as possibilidades do planeta, tornando este estilo de vida insustentável. A segunda crítica se refere à cultura do descarte que afeta tanto os seres humanos excluídos, como as demais coisas que se convertem rapidamente em lixo. Segundo ele, ainda não conseguimos adotar um modelo circular de produção para assegurar e limitar o uso dos recursos não renováveis, moderando o seu consumo, e maximizando a eficiência no aproveitamento, reutilização e reciclagem. Embora tenhamos progressos na superação desta cultura, os resultados ainda são muito escassos. A terceira crítica está relacionada aos efeitos sociais e ambientais das mudanças climáticas. Além de aumentar a emigração e fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, as mudanças climáticas interferem no processo de migração de animais e plantas, com repercussões no meio ambiente. O Papa chama a atenção sobre a indiferença que ainda existe perante estas tragédias

que estão acontecendo em diferentes partes do mundo, com tendência a aumentar ainda mais nas próximas décadas. A quarta crítica é sobre a problemática da água. Se de um lado aumenta a escassez em muitos países, tornando motivo de disputas territoriais por este bem comum, por outro, existe tanto o problema da qualidade da água disponível para os pobres, que são as vítimas das doenças das águas contaminadas, como também da tendência de privatização deste recurso escasso, tornando-o uma mercadoria sujeita às leis do mercado. A quinta crítica está relacionada à perda da biodiversidade, pois a cada ano desaparecem milhares de espécies animais e vegetais que já não poderemos conhecer, e que os nossos filhos não poderão vê-las no futuro, pois foram perdidas para sempre. Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Sobre este ponto, o Papa afirma que as propostas de internacionalização da Amazônia só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais. A sexta crítica diz respeito à deterioração da qualidade de vida humana e da degradação social, onde o crescimento desmedido e descontrolado das grandes cidades vem provocando o caos urbano, como poluição, transporte, violência, narcotráfico etc, sinais que mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significou um verdadeiro progresso integral, e uma melhoria da qualidade de vida. A sétima crítica está na visão que separa os problemas sociais dos ambientais. Segundo o Papa, não podemos enfrentar a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que tem a ver com a degradação humana e social. É fundamental buscar soluções integrais para os sistemas naturais e sociais, pois não há uma crise ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental. A oitava crítica consiste em culpar o crescimento demográfico por todos os problemas planetários. Em-

bora ele possa ser considerado, devemos reconhecer que este crescimento é plenamente compatível com um desenvolvimento integral e solidário. Culpar o crescimento demográfico em vez do consumismo exagerado é uma forma de não enfrentar os grandes problemas. A nona crítica se reporta ao antropocentrismo fechado sobre si mesmo, que acabou por colocar a razão técnica acima da realidade, fazendo com que o ser humano já não sente a natureza como norma válida, nem como refúgio vivente. Segundo o Papa Francisco, a melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar, e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é propor a figura de um Pai Criador e único dono do mundo. A décima crítica consiste na ineficácia das relações e discussões políticas. Os encontros de cúpulas mundiais sobre o meio ambiente nos últimos anos não corresponderam às expectativas e nem alcançaram, por falta de decisões políticas, acordos ambientais globais realmente significativos e eficazes. A décima primeira crítica está relacionada com o paradigma tecnocrático, que tende a exercer o seu domínio sobre a economia e a política. A especialização própria da tecnologia comporta grande dificuldade para se conseguir um olhar de conjunto, aumentando a fragmentação dos saberes e perdendo o sentido da totalidade e das relações existentes entre as coisas. A décima segunda crítica está voltada para o relativismo prático, uma patologia que leva uma pessoa a aproveitar-se de outra e a tratá-la como mero objeto, como é o caso do trabalho escravo, da exploração sexual das crianças, do abandono dos idosos e crianças, da compra de órgãos dos pobres etc.

Que estas críticas do Papa Francisco possam nos ajudar no aprofundamento destas questões, lutando por um mundo socialmente mais justo e fraterno, e ecologicamente mais sustentável.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

A PUC-Rio e os 450 anos da cidade

Braços abertos sobre a Guanabara

IGOR VALAMIEL E ANTÔNIO ALBUQUERQUE/ACERVO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



O Cristo Redentor visto dos pilotis do Edifício Cardeal Leme (2014)

A estátua que hoje é símbolo da cidade do Rio de Janeiro, uma das sete maravilhas do mundo moderno e principal cartão postal brasileiro pode narrar uma interessante história. Para compreendê-la é preciso ouvir os curiosos e atentos ao movimento dos homens no tempo, que fizeram surgir no alto do morro do Corcovado o “Monumento ao Cristo Redemptor”.

Inaugurado em 1931, o novo símbolo da cidade representava uma proposta de unidade nacional sob a identidade católica. À época, a Igreja empenhava-se em retomar influência junto ao Estado, que, após a laicização com a proclamação da República, perdera consideravelmente. Esperava-se que Cristo, agora incrustado na capital do país, redimiria uma nação atormentada por mazelas, rumo a um futuro de horizonte cristão.

Este esforço de recatolização, posteriormente denominado “Restauração Católica”, empreendeu projetos que a Igreja há tempos planejava. Assim como a ideia de uma estátua de Cristo na

cidade, também o projeto de uma universidade católica era recorrente desde o século anterior. Tal universidade, que tem seus primeiros passos em 1940 com a fundação das Faculdades Católicas, respondia aos anseios de uma proposta educacional cristã por oposição àquela laica e liberal, representada pelos Pioneiros da Escola Nova. Assim como o monumento do Corcovado, aos olhos de seus idealizadores, a PUC-Rio surgia redentora nos corações e nas mentes de uma elite intelectual católica.

O Cristo Redentor e a PUC-Rio, ainda que compartilhem um contexto fundacional comum, hoje ocupam lugares distintos no imaginário coletivo. O projeto de cristandade idealizado inicialmente foi reinterpretado e ressignificado, e não mais figura no horizonte daqueles que os frequentam. Cada um, porém, carrega um significado singular, que pode não ser mais tão doutrinário, mas com certeza será sempre carioca.

■ ANDRÉ M. PENNA-FIRME
MATHEUS LIMA TARGUÊTA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. Coordenadora-Adjunta: Prof^a. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. **JORNAL DA PUC** - Jornalista Responsável e Editora: Prof^a. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Prof^a Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Prof^a. Mariana Eiras. Fotografia: Prof. Weiler Finamore Filho. Ilustração: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: impresso.comunicar@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

LUIZ FELIPE MARINHO
E RAYANDERSON GUERRA

Educação: Guia do Estudante e Ranking Universitário Folha dão destaque à Universidade

Pontos positivos segundo os alunos

Pesquisas apontam PUC como a melhor entre as particulares

DIOGO MADUELL

A PUC-Rio é a melhor instituição de Ensino Superior particular do Brasil, segundo o Guia do Estudante, da Editora Abril. Trinta e quatro cursos foram avaliados pelo site, 23 classificados com cinco estrelas. Considerada a Universidade do Ano e a melhor por área de conhecimento em Ciências Sociais e Humanas pelo Prêmio Melhores Universidades 2015, a PUC-Rio se destaca pelo campus integrado. Além disso, está na primeira colocação, entre as universidades privadas, no Ranking Universitário Folha (RUF), em 2015, em quarto lugar no QS World Rankings, da Quacquarelli Symonds, nas áreas de Artes e Humanidades e Ciências Sociais, e em sexto na área de Engenharia e Tecnologia.

O Guia do Estudante avalia a qualidade do ensino, títulos de professores mestres e doutores, instalações físicas, desenvolvimento de pesquisas e leva em consideração o parecer de especialistas nas áreas analisadas, além de consultorias de empresas que avaliam técnicas de pesquisa. Para os alunos, a qualidade do ensino é levada em conta, no entanto, o ambiente do campus, que se diferencia de outras universidades do Rio de Janeiro, é o fator que mais atrai os jovens.

O campus permite trocas de experiências, segundo a presidente da Empresa Júnior, Gabriela Meinberg, estudante de Cinema, de 21 anos. Ela diz que a Empresa Júnior da PUC-Rio é uma das melhores consultorias criadas em universidades do Brasil.

– É diferenciada. Não é igual a outros campi de universidades do Rio que são só prédios. Nas outras universidades, as EJs são de cursos separados: Há a empresa júnior de Economia, de Arquitetura, de Comunicação e aqui temos uma que junta os cursos. Isso me fez dar muito mais valor à faculdade. Não é só pela Empresa Júnior, mas sim pelas oportunidades que a PUC me traz, como o Anfiteatro, que às vezes tem atividades culturais e palestras. A PUC está sempre muito viva, inclusive à noite.

Felipe Queiroz, de 18 anos, acabou de entrar na PUC. A vontade de estudar na Universidade surgiu depois que ele participou do PUC por um Dia, quando alunos de Ensino



Médio visitam as instalações do campus e conhecem melhor os cursos de graduação.

– Aqui tudo funciona. Conheci a Universidade no PUC por um Dia e, como queria fazer Engenharia de Nanotecnologia, a conexão foi muito grande. Mesmo tendo passado em uma universidade federal não me arrependo de ter escolhido a PUC.

Programas como o Prouni, Fies e as bolsas filantrópicas democratizam o acesso de estudantes ao ensino de excelência da Instituição. O Fundo Emergencial de Solidariedade (Fesp) fornece, por meio de concessão de auxílios de transporte e alimentação, a manutenção da permanência do aluno bolsista. Josiele Duarte, de 26 anos, é aluna de Licenciatura em Letras e, segundo ela, a PUC é mais que universidade, é uma segunda casa.

– Considero a PUC quase como uma segunda mãe para todos os alunos, pelas oportunidades que ela oferece. Muitos não podem pagar a mensalidade, como eu, que sou bolsista. Faço Licenciatura em Letras Português-Inglês e, por meio do curso, e dos professores, conheci o Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). É a oportunidade de termos certeza do curso que fazemos. A PUC abraça o aluno.

A Vila dos Diretórios e o Anfiteatro Junito Brandão, no Bosque, são os redutos dos estudantes. Nos intervalos das aulas ou nas quintas-feiras à noite é comum encontrar um grupo de alunos conversando.

O estudante de intercâmbio Colin Robillard, da Universidade de Carleton, em Ottawa, capital do Canadá, está estu-

dando Administração neste período e destaca a diferença entre a estrutura dos campi canadenses e da PUC-Rio.

– Eu gosto do campus da PUC porque, como sou canadense, e no Canadá as universidades só têm os edifícios, aqui há lugares para estudar, como o bosque, e caminhar com os amigos. No meu país, faculdade é somente para ter aulas.

Segundo o estudante de Engenharia da Computação Renan Lima, da equipe de AeroDesign, a PUC conseguiu esse resultado por causa de um trabalho que vem sendo feito há muito tempo.

– Falando pelo lado do CTC, o Centro Técnico Científico, percebemos a evolução ao longo dos tempos, e a maioria dos cursos é avaliada com cinco estrelas. Além de a PUC ter sido considerada a

melhor universidade privada do Brasil, temos cursos que se destacam pelo ensino que está sempre em evolução, em todos os aspectos, tanto nos quesitos estruturais quanto no nível dos professores. É bem visível o crescimento e eu, que entrei em 2013, vejo a diferença.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro tem 12.716 alunos de graduação, distribuídos pelos Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), Centro de Ciências Sociais (CCS), Centro Técnico Científico (CTC) e Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Além disso, ainda compõem esse conjunto mais 15 unidades complementares, um museu universitário – Solar Grandjean de Montigny –, uma biblioteca central e quatro setoriais.

Encíclica: Discussão sobre a Laudato Sí reúne representantes das áreas acadêmica, religiosa, política e empresarial do país

Brasil engajado na Conferência do Clima

Ministra do Meio Ambiente ressalta a importância de um acordo global

MATHEUS SALGADO

RAYANDERSON GUERRA

Laudato Sí, sobre o cuidado da casa comum. A carta encíclica em que o Papa Francisco faz um apelo à proteção da casa comum – o planeta – foi objeto de debate, no dia 14 de setembro, no auditório do RDC. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Mônica Vieira Teixeira, ressaltou a importância do Brasil na mediação de acordos internacionais sobre o meio ambiente e destacou o engajamento do Brasil em viabilizar um acordo global na 21ª Conferência do Clima (COP 21), que vai ocorrer em dezembro deste ano, em Paris.

A ministra destacou três pontos para que ocorra um acordo entre os países na Conferência de Paris: diferenças e peculiaridades das nações, soluções em relação a financiamentos e debate entre adaptação e mitigação.

– Temos que fazer com que

os países possam convergir com o compromisso de aumento (limite) de até dois graus de temperatura nesse século, defendendo as diferenças nacionais. Também estamos engajados em buscar cooperar com países desenvolvidos para buscar soluções de financiamento importantes. E o terceiro aspecto, é importante podermos avançar no debate sobre adaptação, não estamos cuidando apenas dos aspectos de mitigação, entendemos que o acordo de Paris deve ter, além de soluções financeiras e econômicas, uma solução balanceada entre mitigação e adaptação.

A Laudato Sí foi lançada no dia 18 de junho pelo Papa Francisco. Durante o debate, o Reitor da PUC, Padre Josafá Carlos de Siqueira S.J., apresentou 12 críticas presentes no documento, número associado às 12 tribos de Israel, e dez propostas, relação com os dez mandamentos bíblicos, de



Izabella Teixeira e o Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., discutiram importância da 'encíclica verde'

mudanças e conversão. Da crítica à visão consumista até a proposta de reconhecer o valor e a fragilidade da natureza, o Reitor utilizou trechos da carta para ilustrar os pontos aborda-

dos. Segundo ele, o documento converge as preocupações da ciência, religião e da sociedade sobre o meio ambiente.

– É a proposta mais integradora da realidade. Não se trata

de um documento técnico, é um documento reflexivo, que vai na linha da reflexão filosófica, teológica e social. É para os católicos, para outros religiosos e para os não crentes.

Preservação: Presidente do Ibama analisa os principais desafios enfrentados pelo Brasil e as possíveis soluções

Implantação de novas diretrizes para área ambiental

Marilene Ramos destaca a relevância de políticas públicas mais eficientes para a conservação do planeta

MATHEUS SALGADO

ALINE RIPOLI

Um país sem saneamento. Assim a presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Marilene Ramos, definiu a situação do Brasil, na palestra *Desafios da Gestão Ambiental no Brasil: Em busca do Desenvolvimento*, no dia 14 de setembro. O encontro fez parte das comemorações dos 50 anos da Pós-Graduação em Engenharia Civil da PUC-Rio.

Marilene foi enfática ao equiparar o saneamento ambiental do Brasil com o de “países de quarto mundo”.

– Nós não temos esgoto,

temos água mal e porcasmente nas cidades grandes. Temos regiões como Maricá, onde 80% da população bebem água de poço que está conectado diretamente a uma fossa. Em Caxias, o prefeito precisa fornecer caminhão-pipa para as escolas. E, se formos para a periferia de Belo Horizonte, de São Paulo e Salvador, e de grande parte do Nordeste, a situação é a mesma – apontou.

A presidente do Ibama ainda analisou a questão do desmatamento, que ela classificou como o primeiro grande desafio a ser enfrentado pelo país. Segundo a engenheira, nos últimos anos, houve uma

vitória, quando a área de desmatamento foi reduzida para 5 mil km². Para enfrentar o problema, observou, é necessário o Estado estar mais presente nessas áreas e implantar políticas públicas mais eficazes. Ela lembrou que a atuação feita pelo o Ibama para proteger essas regiões é um trabalho que tem limite.

– Chega a um ponto que não conseguimos baixar mais se não entrarmos com políticas complementares e se não houver a presença do poder público naquela região onde a situação de fato é muito grave. É preciso fazer a regularização fundiária, por exemplo.



Marilene Ramos assumiu a presidência do Ibama em maio deste ano

Posse: Professor Titular da PUC assume a direção do Instituto Nacional de Tecnologia de olho na internacionalização

Compromisso com a excelência científica

Diretor pretende aumentar o reconhecimento no exterior

MATHEUS SALGADO

BÁRBARA BAIÃO

Motivado pelo desafio de prestar serviço diferenciado para a população, o professor Fernando Rizzo, titular do Departamento de Engenharia Química e de Materiais, do Centro Técnico Científico (CTC), tomou posse, no dia 2 de setembro, como diretor do Instituto Nacional de Tecnologia (INT). Na cerimônia, o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Aldo Rebelo, e o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., ressaltaram a trajetória acadêmica do pesquisador.

Durante o discurso de posse, Rizzo observou que, embora a interação com universidades brasileiras seja fundamental para que o Instituto ocupe uma posição de destaque, um dos focos da gestão será a internacionalização. O objetivo é alcançar, até 2021, excelência no âmbito mundial. O novo diretor do INT deseja aproveitar os diversos talentos do instituto em um grupo de trabalho em que a experiência

dos mais velhos se misture com a disposição dos mais jovens.

– Há muitos desafios pela frente. Temos aqui um quadro de pessoas experientes, mas já próximas da idade da aposentadoria. Ao mesmo tempo, temos restrições orçamentárias para contratar pessoas novas. É fundamental ter um corpo que tenha acesso às novas tecnologias e a visão que os mais experientes têm. Essa é uma equação difícil, principalmente diante do quadro conjuntural pelo qual o país atravessa.

A situação instável atravessada na área econômica do país também foi citada pelo ministro Aldo Rebelo, que afirmou não haver possibilidade de retomar o ciclo de crescimento sem o apoio à pesquisa e à ciência. Dentro dessa perspectiva, o ministro ressaltou a confiança na competência de Rizzo para os quatro anos de gestão.

– Rizzo tem uma trajetória conhecida como gestor, dirigente e com um currículo de pesquisa presente nos circuitos mais importantes da área. Essa



O novo diretor do INT, Fernando Rizzo, durante o discurso de posse

capacidade oferece ao INT qualificação, e a convicção de que esta instituição estará com um diretor à altura da sua história.

Rebelo também destacou que, atualmente, o Instituto está na fronteira do desenvolvimento tecnológico em escala mundial. A unidade de pesquisa do INT foi fundada em 1921, e, entre setores de atuação estão energia, petróleo e gás e tecnologias sociais. Além disso, a partir do atendimento à Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Emprii), o centro é uma das três empresas a dar suporte tecnológico ao setor produtivo nas áreas de energia e saúde.

Em discurso, o Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira S.J., ressaltou a importância de a Universidade contar com professores de alta qualificação como Rizzo, que é graduado em Engenharia Metalúrgica pela PUC e atualmente é professor titular da instituição. Ele também foi professor visitante da Universidade da Califórnia, e no Institute of Material Research, da Universidade de Leeds.

– É uma honra para a PUC saber que temos professores competentes reconhecidos nacional e internacionalmente. Eu acho que isso mostra que essa preocupação da Universidade em investir na qualidade de seus quadros docentes é extremamente importante. O exemplo do Rizzo é um deles, que sempre vestiu a camisa da PUC e agora foi chamado para prestar um serviço mais desafiador.



Terezinha Féres-Carneiro reúne, em livro, teorias sobre família e casal

Psicologia: Discussões em simpósio dão origem a nova publicação

Família como tema principal

Último livro da série trata das relações parentais da atualidade

ALINE RÍPOLI

Referência no estudo sobre a multiplicidade a respeito das interações conjugais e familiares da atualidade, o livro *Família e Casal: Parentalidade e Filiação em Diferentes Contextos* é resultado das discussões que ocorreram em um simpósio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia no ano passado. Organizado pela professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio Terezinha Féres-Carneiro, a publicação marca os 25 anos do Grupo de

Trabalho (GT), coordenado pela acadêmica.

Com 23 autores, 14 capítulos e 16 integrantes da ANPEPP, o livro é o décimo de uma mesma série. Segundo Terezinha, o título de cada livro pode ser Família e Casal ou Casal e Família, dependendo do número de ensaios sobre os dois assuntos. Já o subtítulo das publicações cita os temas abordados nos encontros. Nesta edição, há artigos sobre parentalidade e filiação, pesquisas sobre a relação dos pais com os filhos e as diferentes configurações familiares.

– Neste livro, o subtítulo é Parentalidade e Filiação em Diferentes Contextos, e a questão da parentalidade e filiação é muito abordada, por isso ele começa com Família. Há, por exemplo, um capítulo sobre famílias homoafetivas, cujos filhos eram de uma relação heterossexual anterior e que depois os pais optarem pela homossexualidade, então a família é constituída como homoparental. Quando há mais artigos sobre casamento, filiação, pluralidade, aí começa com Casal, ou seja, a ênfase do conteúdo do grupo está nessa ordem.

Sociedade: Debate e reflexão sobre como superar a violência indicam caminhos para construção de mundo mais justo

Todos juntos pela cultura da paz

Professores destacam desigualdade social como elemento para conflitos

MATHEUS PAULO MELGAÇO

Intelectuais, instituições civis e profissionais de diversas áreas pelo menos uma vez já se perguntaram até onde pode ir a violência. Guerras civis em diversos países da África, as atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico no Oriente Médio, o extermínio de milhares de judeus nos campos de concentração na II Guerra Mundial, os ataques do 11 de setembro às Torres Gêmeas ou mesmo bárbaries de menores proporções, como estupros coletivos e as chacinas em diversas cidades brasileiras. Diante dessa realidade, refletir como pode ser possível superar as diversas formas de violência e promover a cultura da paz na Casa Comum – como o Papa Francisco se referiu ao planeta – mostram-se cada vez mais urgentes.

A origem da violência e as possíveis situações para superá-la foram alguns dos temas debatidos no Simpósio Internacional de Teologia da PUC-Rio, entre os dias 8 e 10 de setembro. Nele, houve um consenso entre os palestrantes: a cultura da paz começa em cada um, a iniciativa para transformar o mundo em um lugar melhor deve partir de cada indivíduo, independente do credo.

As religiões sempre foram vistas como instituições capazes de promover iniciativas em vista da paz e do bem comum. O que destoa, atualmente, com os conflitos gerados pela intolerância, fanatismo ou extremismo de certos grupos religiosos, que dificultam a construção da paz no mundo. Diretor do Departamento de Teologia, padre Leonardo Agostini, destaca que é uma

missão da Igreja evangelizar e buscar conciliar conflitos que emergem frequentemente na sociedade. O professor relembra que no Concílio do Vaticano II foi elaborado a *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança) – a quarta das constituições do Concílio – que no século XX promoveu encontros e debates sobre diversas questões acerca da sociedade moderna e a postura da Igreja perante ela

– A presença da Igreja no mundo é levar uma mensagem de reconciliação que transforme as culturas a partir de dentro. Durante o Concílio do Vaticano II, a Igreja enfrentou corajosamente o tema dos conflitos e da guerra não apenas dirigindo um apelo de paz e de reconciliação entre as superpotências de então, mas realizando uma verdadeira análise das raízes que geram os conflitos no mundo.

Padre Agostini afirma ainda que a base da promoção da cultura da paz deveria estar em um exercício diário de construção e preservação pelo qual cada novo ser humano pudesse encontrar esforços transformadores capazes de garantir a vida em todas as etapas.

– Se a vida for protegida e considerada o valor mais sublime, e se cada pessoa aceitar ser responsável, não apenas pelo seu bem mas também responsável pelo bem do próximo, estará, em última análise, respondendo, com altruísmo e alteridade, aos próprios anseios de vida, de felicidade e de paz. Este é um apelo que o Papa Francisco assumiu como prioridade na Exortação *Evangelii Gaudium* e, mais recentemente, na Encíclica *Laudato Si*.

Na televisão, na rádio, nas capas dos jornais, revistas, e

na internet. Cotidianamente, a sociedade recebe centenas de informações sobre a violência urbana. O professor Miguel Serpa Pereira, do Departamento de Comunicação Social, acredita que a repercussão da violência nos meios de comunicação amplia o significado da notícia e gera um medo na população. Segundo Pereira, ao produzirem uma notícia, os jornalistas devem contextualizar o fato para gerar uma reflexão sobre as informações.

– A exposição excessiva da violência gera um pensamento

“
A presença
da Igreja é
levar uma
mensagem de
reconciliação”

Padre Leonardo Agostini

de que a violência ocorre em todo lugar e a qualquer momento. É necessário contextualizar as notícias, vê-las na sua visão mais complexa e não apenas no simples fato de que se está noticiando uma violência. O ato não pode ser apenas uma exposição, ele tem de ser entendido como tal. Se não há uma reflexão sobre, cria-se uma dicotomia entre o bem e o mal. Assim, em vez de dialogar, cria-se mais violência – explica.

Para o professor, o jornalismo sensacionalista não contribui para a formação do público.

– O cidadão percebe que esse jornalismo não acrescenta. Não

leva a satisfazer a própria necessidade de informação das pessoas. Ele está mais na manchete do que nos fatos. Quando elas leem o jornal, veem que o fato não é o que leram na manchete. As pessoas percebem e são críticas a isso. O sensacionalismo é um desserviço à população, não tem função social alguma. Trabalha pelo negócio. É um erro, um equívoco – afirma.

A polícia cidadã e pacífica é um caminho para a cultura da paz. A afirmativa é da professora do Departamento de Ciências Sociais Sarah Silva Telles. No entanto, ela ressalta que há um longo caminho pela frente, uma conclusão evidenciada por números. De acordo com o relatório *Você matou meu filho!*, da Anistia Internacional, das 1.275 vítimas de homicídio decorrente de intervenção policial, entre 2010 e 2013 na cidade do Rio de Janeiro, 99,5% eram homens, 79% eram negros e 75% de 15 a 29 anos idade. Uma polícia militarizada, herança da ditadura militar, e ainda mal remunerada, despreparada e embarrada de preconceitos, traz consequências graves à sociedade, aponta a professora. Ela destaca que, enquanto a elite brasileira optar por ter uma polícia truculenta, a cultura da paz não será algo concreto.

– O Brasil tem um índice de homicídios típico de um país em guerra. É uma polícia preparada para matar e, ao matar, também morre. Além disso, há uma concentração de homicídios de jovens negros. É uma polícia que quer proteger o rico “branco” do pobre “negro”. Assim, há uma criminalização da pobreza e o racismo latente se expõe no tratamento da polícia. Enquanto que nos condomínios da Zona Sul há todo um

processo judicial, nas favelas existe truculência e desrespeito. A polícia brasileira que nós temos é a polícia que a elite brasileira quer – afirma.

Sarah ainda observa que os termos auto de resistência ou homicídio decorrente de intervenção policial, que nasceram na ditadura militar, são amplamente usados pela polícia para justificar, sob legítima defesa, as mortes de cidadãos em incursões policiais nas favelas brasileiras. Para a professora, o caminho para a cultura da paz é uma polícia sem a herança da ditadura, uma polícia cidadã valorizada.

– Há uma herança da polícia da ditadura que precisa ser mudada. É uma polícia que não tem limite para o uso da força. Tortura, barbárie, criminalização da pobreza. Os autos de resistência são uma invenção da ditadura civil militar que permanece até hoje. Quando tivermos uma polícia menos corrupta e mais cidadã, valorizada no exercício da profissão, estaremos a caminho da cultura da paz.

A segregação entre as classes sociais produzida pela desigualdade social também é um fator que impede a criação de uma cultura da paz. Para a professora, a diferenciação de territórios entre pobres e ricos e os lugares destinados a cada classe legítima a ideia da construção de muros em vez de pontes. E ainda expõe a aversão ao outro como ser humano em decorrência da classe a que pertence. Ela destaca que, nesses últimos anos, o que diminuiu foi a desigualdade de renda familiar, mas não de riqueza.

– O contato e a proximidade tendem a produzir uma cultura da paz. A segregação, o

afastamento e o *apartheid* tendem a produzir uma cultura de guerra, de confronto. Quando se propõe uma cultura da paz, se propõe pensar a desigualdade social. Não há igualdade de oportunidades, de escolhas. Enquanto a cidade operar na lógica da segregação, do condomínio fechado, da cidade de muros e cercas, será difícil ter uma cultura da paz. Um meio para desfazer é uma polícia valorizada e cidadã. A mesma polícia para todos – conclui.

No livro *Atlas das Condições de Vida no Rio de Janeiro*, escrito pelos professores Dora Rodrigues Hees, Cesar Romero Jacob, da PUC-Rio, e Phillippe Waniez, da Universidade de Bourdeaux, na França, publicado pela Editora PUC-Rio, há uma vasta pesquisa sobre diversas questões estratégicas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro que apontam fragilidades e estigmas do Estado para se chegar a uma cultura da paz. Como, por exemplo, a nítida diferença de escolaridade entre as zonas mais ricas da cidade e as periferias, a renda, a criminalidade e as condições de moradia. Professor do Departamento de Comunicação Social, Cesar Romero observa que o primeiro passo para se construir uma cultura da paz é a tomada de consciência sobre as várias desigualdades da cidade. Ele ressalta que espaços de convivência típicos do Rio, como Sambódromo e o Maracanã, mostram uma falsa integração.

– A cidade é extremamente desigual e a população não tem consciência do grau dessa desigualdade. Quando se reúne as informações com base

nos dados do censo e se analisa o quanto a cidade é segregada, desmistifica-se uma série de questões acerca de uma convivência social, que é superficial.

Romero destaca, ainda, que por meio da ação política e do pleno exercício da cidadania, o governo do estado será pressionado a adotar políticas públicas que ajudem a amenizar a desigualdade. Para ele, a diminuição desse desequilíbrio social será benéfica a todos os moradores da cidade, embora haja grupos que não têm interesse em tornar a cidade mais igualitária.

– Por meio da cidadania e da ação política podemos pressionar governos para que mudem o quadro que estamos vivendo. Afinal, eles sofrem pressões de diversos grupos que não têm interesse de tornar a cidade melhor para todos. Quanto menor a miséria, há uma convivência social mais harmônica, uma interação maior e, portanto, uma cultura da paz – conclui.



Economia: Após a implantação da Unidade de Polícia Pacificadora, carioca cria negócio social no Morro da Babilônia

Preocupação socioambiental

Agência organiza hospedagens nas casas dos moradores de comunidade

MATHEUS PAULO MELGAÇO

Em 2009, após a implantação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), os moradores do Morro da Babilônia, no Leme, passaram a dividir a vista privilegiada do alto do morro com turistas de diversos lugares do mundo. O empreendedor Alexandre Gentile, que mora na favela, percebeu a demanda e criou o Faveliving, uma agência de turismo de experiência na comunidade que organiza hospedagens nas casas dos moradores, em hostels, e organiza passeios na comunidade com guias turísticos locais. O negócio, que aos poucos toma forma, entra na agenda de pequenas e médias empresas do setor 2.5.

De acordo com o relatório sobre Sustentabilidade do Sistema de Inteligência Setorial do Sebrae/SC, 30% das empresas que buscam a instituição têm esse perfil. O setor 2.5 ou negócios sociais são empresas que, além de visar ao lucro, têm o

objetivo de minimizar um problema socioambiental das classes de baixo poder aquisitivo. É a união de empresas privadas e o impacto social das ONGs ou associações civis. Além disso, o empreendimento social não recebe nenhum tratamento diferenciado do governo federal. E foi assim que Gentile, ao morar na comunidade, percebeu que poderia abrir um empreendimento social. Ele acredita que envolver os moradores da Babilônia é fundamental para que os próprios turistas se sintam parte da comunidade.

– Quando uma agência de fora traz os turistas para visitar a comunidade sem envolver o próprio morador, parece que eles estão visitando algo como um zoológico humano. Temos muitos pacotes para o estrangeiro ver que isso não é um zoológico humano – afirma.

O Babilônia Rio Hostel, que tem parceria com o Faveliving, é um exemplo. A publicitária Bianca Lima, 26 anos, e o marido, o alpinista Eduardo Figuei-

redo, 28 anos, decidiram transformar a casa dos pais dela em um hostel em 2013, quando eles perceberam que a implantação da UPP atraiu turistas para a região. Mas para isto, foi necessário fazer uma refor-

“
Para o fim
do ano e as
Olimpíadas,
esperamos
lotação
máxima

Bianca Lima

ma no imóvel durante um ano. Na Copa do Mundo de 2014, a casa ficou lotada, com 42 estrangeiros. Bianca está otimista com os eventos que ocorrerão no próximo ano.

– Criamos um bar, alguns ambientes sociais, e tivemos que reformar a parte exterior da casa. Para o fim do ano e as Olimpíadas, nós esperamos lotação máxima – comenta.

Vinte e sete estudantes da Universidade de Utrech, na Holanda, vieram ao Rio de Janeiro estudar o efeito dos grandes eventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, e as políticas públicas na cidade. Para vivenciar as transformações no Morro da Babilônia, eles ficaram hospedados 49 dias no hostel de Bianca e Eduardo. Pieter, 21 anos, um dos estudantes, disse que foi uma experiência que ele não teria em outro lugar, mas reprovou o fato de as pessoas serem relaxadas.

– Vemos como é o dia a dia da comunidade, fizemos parte dela. Os moradores nos acolheram bem. Estar na Babilônia é olhar o Rio de uma outra ótica. Um ponto negativo é que os brasileiros não são muito pragmáticos, “amanhã eu faço, espera, espera” – brinca.

O impacto econômico positivo também é sentido pelos moradores, e nem a barreira linguística se torna um impedimento quando o assunto é vender. Denise, 34 anos, dona de um bar na subida da entrada da Babilônia, conta que não entende o que eles falam, mas que isso não é impedimento para a venda.

– Eu não sei inglês. A venda é feita com mímica. E o benefício é mútuo. Eles conhecem a comunidade e compram com os moradores, que lucram mais.

A professora do Instituto Gênesis Ruth Mello acredita que os negócios sociais são uma tendência em um mundo onde crescer com sustentabilidade e pensar no lado social é importante.

– As empresas privadas têm que se preocupar com o lado socioambiental. Assim, o empreendedor social se encaixa no mercado ao trazer essa preocupação para o centro da empresa, e não como consequência.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Visão Rio 500 – como será nossa cidade?

Em agosto iniciou o processo de planejamento estratégico da cidade do Rio de Janeiro para os próximos 50 anos – do qual tive o prazer de participar. Ao longo de um seminário de cinco dias, especialistas em diversas áreas do conhecimento registraram e consolidaram seus sonhos para o Rio. A população também foi convidada a participar com ideias, pelo site www.visaorio500.rio.

Temas como convivência pacífica, acessibilidade, se-

gurança, educação e respeito à diversidade estiveram presentes todo o tempo. A segunda etapa do processo será construir projetos e planos de ação para concretizar o que se chamou da cidade dos sonhos. O lançamento do plano estratégico será no dia 1o de março de 2016 – o primeiro dia dos próximos 50 anos.

A iniciativa de planejar o município com antecedência é animadora. É a prática de cidades de ponta mas, infelizmen-

te, nunca foi muito comum no Brasil. O desafio é garantir que o plano seja de fato levado adiante, independentemente de quem for o governante do momento, para que não tenhamos que começar sempre do zero. Afinal, acima de partidos e rixas políticas, deveria estar o bem estar do carioca e de todos aqueles que acolhermos em nossa cidade.

■ ANDREA RAMAL
PRESIDENTE DA AAA-PUC-RIO

www.aaapucrio.com.br

Tudo o que se compartilha, se multiplica.
DOE SANGUE.



Nossa meta é receber 40 doações diárias, no mínimo.
Para atingi-la, contamos com a sua doação!

Para doar é necessário ter entre 18 e 65 anos, estar em boas condições de saúde e pesar mais de 50 Kg.

De segunda a sexta
das 8h às 14h

Mais informações em:
inc.saude.gov.br | (21) 3037-2215

inc

Hemonúcleo

Apoio:



Leia o Jornal da PUC na internet
www.puc-rio.br/jornaldapuc

Leitura: Universidade participa, pela oitava vez, da maior feira literária da América Latina, no Riocentro, em Jacarepaguá

Recorde de vendas na Bienal

Editora marca presença no estande da Abeu e vende cerca de mil livros

CAIO SARTORI

Pela oitava edição consecutiva, a Editora PUC marcou presença na Bienal do Livro Rio, de 3 a 13 de setembro. Ao passarem pelo espaço da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), no Pavilhão Laranja do Riocentro, em Jacarepaguá, os visitantes tiveram acesso a grande parte dos 270 títulos de livros lançados pela editora, criada em 2000 e que faz parte do Projeto Comunicar.

Foram cerca de mil livros vendidos em dez dias de feira, com destaque para os títulos *Sobre as Leis da Física*, *Coleção História Geral*, *Favelas do Rio de Janeiro*, *História da África Contemporânea* e *Coleção Escritos de Nietzsche*. O editor-chefe da Editora PUC e professor Fernando Sá, do Departamento de Comunicação Social, comentou que, apesar da crise, o número de vendas aumentou. O saldo foi produtivo tanto para a editora quanto para a própria Bienal, que recebeu aproximadamente 676 mil pessoas.

– Foi muito bom. Tivemos um retorno muito positivo por parte dos visitantes. Houve uma visita ativa no nosso



Público procura nas prateleiras de exposição pelos livros da Editora PUC na XVII Bienal do Livro Rio

estande e vendemos bastante livro. Títulos lançados recentemente, livros antigos. Balanço muito positivo.

Segundo Fernando Sá, participar da Bienal é uma oportunidade de levar o conteúdo elaborado na Universidade para um público mais interessado neste tipo de leitura específica. Ele comenta que quase 90% dos trabalhos da Editora PUC são

desenvolvidos por meio de parcerias com editoras comerciais. A PUC capta, edita e diagrama o material, enquanto a distribuição fica por conta dessas editoras de fora, que levam os livros para as livrarias.

– Como a Universidade é muito ampla, você acaba fazendo coedição com muitas editoras. Nossa produção editorial fica muito espalhada. Na Bienal,

temos a oportunidade de ter toda a produção no mesmo lugar – explicou.

Com recorde de visitação e de vendas, a Bienal registrou um aumento no número de jovens que foram ao Riocentro durante a feira - 56% dos visitantes tinham entre 15 e 29 anos. Ao todo, foram vendidos 3,7 milhões de livros, com faturamento de R\$ 83 milhões.

Os cinco mais vendidos

Sobre as leis da Física

Conjunto de palestras do físico Richard Feynman, proferidas em 1965, na Universidade de Cornell.

Coleção História Geral

Série com três volumes que passeiam por fases diferentes da História.

Favelas do Rio de Janeiro

O que é uma favela? O autor Rafael Soares Gonçalves faz uma nova leitura dessa questão.

História da África

Contemporânea

Visão aprofundada do século XX no continente africano, suprimindo uma lacuna existente na produção acadêmica brasileira referente à História recente da região.

Coleção Escritos de Nietzsche

Conjunto de escritos do filósofo sobre diferentes áreas do conhecimento, como Direito, Educação, Política, História e Psicologia.

Colóquio: Encontro no CCBB analisa textos dos filósofos Roland Barthes, Jean-Paul Sartre, Gilles Deleuze e Hannah Arendt

Filosofia acessível pelas obras de Jean-Paul Sartre

Escritor francês é um dos temas do ciclo de debates sobre produções relevantes de grandes pensadores

ALINE RÍPOLI

Jean-Paul Sartre como porta de entrada para a filosofia. Foi partindo deste pensamento que o coordenador da Central de Internacionalização da PUC-Rio, professor Danilo Marcondes, do Departamento de Filosofia, abriu a série de palestras do colóquio *Três Franceses e uma Alemã*, ciclo de encontros realizado no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) sobre Roland Barthes, Jean-Paul Sartre, Gilles Deleuze e Hannah Arendt, que foi organizado pelos professores Gustavo Chataignier e Clarisse Fukelman, do Departamento de Comuni-

cação Social. O presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Renato Lessa, também participou da palestra inaugural.

Marcondes narrou o encontro com a obra do filósofo francês em dois tempos da vida. O primeiro quando ainda era um estudante de Letras da PUC-Rio, em que percebeu que a busca não era literária, mas que procurava questões filosóficas na literatura. Seguiu o caminho que Sartre, de alguma forma, apontou, e passou da literatura para a filosofia. E o segundo momento foi sobre a experiência como professor no Ensino Médio. Após concluir o doutorado em Filosofia da Lin-

guagem, o acadêmico recorreu ao Existencialismo de Sartre para introduzir os adolescentes à filosofia. De acordo com ele, Sartre oferece a vantagem diante de outros filósofos de tornar a disciplina um bem acessível.

– São vários os filósofos que são porta de entrada para a filosofia, mas eles pressupõem outros filósofos, o que pressupõe outros conhecimentos de filosofia. O Sartre lança questões e nos permite entrar na filosofia. Ele abre a porta da filosofia, uma porta muito fácil de abrir mão que, mesmo aberta, nem sempre passamos por ela, e quando passamos, nem sempre chegamos onde queremos.



Gustavo Chataignier, Renato Lessa, Danilo Marcondes e Clarisse Fukelman

GIULIA SALETTO E JULIA PIMENTEL

Novos Rumos: Jovens decidem mudar de carreira e dar outro caminho para a vida profissional

O que pode parecer ousadia para alguns, para outros pode ser uma chance de trilhar novos rumos, seja por um sonho ou para agarrar uma oportunidade de negócio. Formados pela PUC, Maria Paula Autran, Luiz Quinderé e Eduardo Galvão investiram em projetos empreendedores. Com pouco tempo no mercado, os ex-alunos já são donos de um negócio e colhem frutos da empreitada. E, para isto, os três apostaram no ramo da alimentação.

Empreendedores com menos de 30

Ex-alunos contam como é investir em empresa própria

JP ARAÚJO



► Maria Paula Autran

Maria Paula Autran, de 28 anos, se formou em Jornalismo na PUC-Rio e logo foi contratada como repórter na Folha de S. Paulo. Depois de quatro anos no jornal, ela decidiu mudar de rumo. Um ano sabbático fez a jornalista descobrir um talento e amor pelos doces. Maria começou a fazer cookies de diferentes sabores em casa e distribuir entre amigos. Rapidamente, os biscoitos ficaram conhecidos. Maria Paula usou o Facebook e o Instagram para compartilhar e dar maior visibilidade às guloseimas.

– Tudo começou quando minha amiga deu um dos meus biscoitos para sua chefe provar, ela gostou e fez uma encomenda para o dia seguinte. A partir daí, o negócio começou a crescer e criei o nome Da Maria.

A produção e amor pelos-cookies levou Maria Paula a Paris se especializar na pâtisserie

francesa na Escola de Culinária Francesa Ferrandi. Lá a jovem se apaixonou pela delicadeza e técnica dos doces franceses.

Hoje, Maria Paula é responsável por todo o processo, desde a criação dos doces até a entrega. Para o futuro, a ideia é se concentrar nas vendas pela internet, e ainda alimentar o sonho de abrir uma loja com os deliciosos biscoitos.

Ao longo do tempo, a chef incrementou o cardápio com novas técnicas como os biscoitos decorados, com desenhos e figuras, além de tortas francesas, bolos e lembranças para comemorações especiais.

– Normalmente, faço quatro encomendas grandes por semana, como casamentos e batizados. Mas gosto de datas comemorativas como o Natal, quando me dedico muito, pois a encomenda é sempre maior e dá mais visibilidade. No Natal passado, trabalhei quatro dias seguidos quase sem dormir.

PEDRO MYGUEL VIEIRA

► Eduardo Galvão e Bruno Coelho

Com a intenção de explorar a onda fitness dos dias de hoje, dois jovens criaram uma empresa de fast-food de saladas. Marca elaborada pelo ex-aluno de Administração da PUC-Rio Eduardo Galvão e pelo colega Bruno Coelho, ambos de 23 anos, o Lévaê oferece refeições saudáveis e práticas para pessoas que desejam manter uma

alimentação balanceada mesmo na correria do dia a dia. Para garantir a qualidade e a presença de todos os nutrientes necessários, os jovens empreendedores convidaram a nutricionista Ana Carolina Rodrigues, responsável por montar as combinações das saladas. O cardápio da marca tem quatro linhas: fit, funcional, light e vegetariana.

A ideia da dupla surgiu, segundo Eduardo, em uma viagem para os Estados Unidos. Por

lá, a prática de refeições leves e rápidas já se tornou um hábito dos americanos.

Nós achamos a ideia muito legal e viável. Lá fora, na Europa e nos Estados Unidos, é uma tendência enorme. Alimentação rápida, prática e saudável é uma moda não só do Rio de Janeiro, mas do mundo – explica o ex-aluno da Universidade.

O Lévaê saladas é vendido em diversos pontos da cidade e ainda tem o serviço de delivery.

► Luiz Quinderé

Ex-aluno de Administração da PUC-Rio, Luiz Quinderé, de 25 anos, é um exemplo de jovem empreendedor. Ele começou a fabricar brownies quando tinha 15 anos, na casa dos pais, época em que era aluno do Colégio Teresiano CAP/PUC. A produção, que antes era amadora e contava com a

ajuda da empregada de Luiz, hoje tomou grandes proporções. O Brownie do Luiz agora é produzido em uma fábrica de 200 m² em Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Por mês, são cerca de dez toneladas da sobremesa que é vendida em mais de 100 pontos pela cidade.

Só no ano de 2014, a empresa faturou cerca de R\$ 2 milhões. Para Luiz, um

grande desafio encontrado na trajetória de sucesso da empresa foi a burocracia sem fim do país.

– A principal dificuldade que eu tive no início foram as burocracias e a falta de incentivo do governo para um jovem empreendedor que quer investir em um negócio próprio, gerar empregos e tentar realizar um sonho.



RAUL GUILHERME



Música: Roberto Carlos, Wanderléa, Erasmo Carlos e Jerry Adriani são ícones do movimento musical Jovem Guarda

ARQUIVO PESSOAL/JERRY ADRIANI



O cantor Jerry Adriani recebe um prêmio no programa do apresentador Silvio Santos. Além deles, Emidio Barbosa, Julio Rosemberg e Othon Russo acompanham a premiação

O rock à brasileira no ritmo do yeah, yeah, yeah

Inspirado nos Beatles, o estilo Jovem Guarda celebra, em 2015, 50 anos

RAYANDERSON GUERRA

Considerada a versão nacional do yeah, yeah, yeah, dos Beatles, a Jovem Guarda celebra, em 2015, 50 anos. Em 22 de agosto de 1965 foi ao ar, na TV Record, o *Jovem Guarda* apresentado por Roberto Carlos, Wanderléa e Erasmo Carlos. Mais do que um programa de televisão, ele influenciou gerações de novos cantores, ditou moda – de gírias e expressões ao modo de se vestir – e se estabeleceu como um movimento musical. O nome foi inspirado em uma frase do revolucionário Lênin, líder do partido comunista soviético, que dizia que “O socialismo repousa nos ombros da jovem guarda”.

Elvis Presley, The Beatles, Little Richard e Roy Orbison foram alguns dos cantores que influenciaram o rock à brasileira, produzido nos anos 60. O Brasil acabara de sofrer

intervenção militar e o governo era controlado com mãos de ferro, no entanto, Roberto, o Rei, e Erasmo Carlos, o Tremendão, davam o tom do movimento. As letras das canções, baseadas no cotidiano dos jovens, tinham temáticas relacionadas a este universo, com destaque para os carros e namoros. Segundo o pesquisador de MPB Ricardo Cravo Albin, a juventude brasileira sempre absorveu a cultura norte-americana e com a Jovem Guarda não foi diferente.

– A Jovem Guarda não se opunha, mas se contrastava aos festivais, partidários e politizados. A música de Roberto, Erasmo e seus companheiros de geração seguiam os padrões fechados e orgânicos da música importada, especialmente da norte-americana, tanto a partir de discos quanto de filmes. A partir dos discos e do cinema, a geração absorvia a

cultura americana. Era o romântico e o descomprometido importado de Hollywood e do eixo de música Nova York e Los Angeles.

O trio, comandado pelo Rei, recebia convidados no palco do Teatro Record, influenciados pelos riffs das guitarras elétricas de John Lennon. Jerry Adriani, Os Fevers, Wanderley Cardoso, Lilian, Ed Wilson, Waldirene, Os Incríveis, Martinha, Vanusa e Ronnie Von produziam as composições, consideradas alienadas pelos cantores de MPB. Jerry Adriani recebeu influências dos intérpretes da Era de Ouro do Rádio, como Cauby Peixoto e Nelson Gonçalves, além de cantores americanos. Segundo ele, havia uma união entre os músicos da Jovem Guarda.

– Éramos muito amigos. O pessoal da Jovem Guarda, no início, da classe média, lutava muito para conseguir algu-

ma coisa. Quando começou a acontecer a Jovem Guarda ninguém imaginava o sucesso.

Não foram só os cantores que impulsionaram a Jovem Guarda. Por trás dos microfones e do estúdio, atuava um rapaz baiano, Raulzito, que mais tarde ficaria conhecido do público por Raul Seixas. Como compositor, Raul escreveu mais de 80 canções do estilo yeah, yeah, yeah, para artistas como Wanderléa, Leno e Lilian e Renato e seus Blue Caps, além de Jerry Adriani, um dos melhores amigos do músico e que o trouxe para o Rio de Janeiro. O professor João Luiz Renha, do Departamento de Comunicação Social, está escrevendo sobre a história de Raul e, após pesquisas, o professor chegou à conclusão de que Raul era um cantor de yeah, yeah, yeah, pós-romântico.

– Em uma entrevista que Raul deu para Ana Maria

Bahiana, no jornal O Pasquim, ao ser questionado sobre o rock que cantava, ele respondeu que não cantava rock e sim yeah, yeah, yeah pós-romântico. Vejo nas pesquisas que Raul nunca gostou de rock. Mas algo interessante é que ele consegue juntar o rock com o baião e até música romântica.

Hoje Jerry diz que não pode deixar de cantar músicas como *Querida*, de 1965, e a composição de Raul Seixas, *Doce, Doce, Amor*, de 1971, sucessos da época.

Em junho de 1968 foi ao ar a última edição do programa, comandado por Wanderléa e Erasmo Carlos. Roberto já havia deixado a atração em janeiro daquele ano. As jovens tardes de domingo, de guitarras e flores, passaram, e os artistas tiveram que buscar outras vertentes da música. O Rei passou a ser identificado como cantor romântico, mas o Tremendão permaneceu no rock.

CAIO SARTORI

Na era dos serviços de streaming, nos quais as capas de discos aparecem quase escondidas na tela do computador, o valor atribuído à arte gráfica que compõe um álbum é quase nulo. Mas houve um tempo em que as canções vinham acompanhadas de capa, contracapa e encarte, com aproximadamente 31 centímetros de aresta. E foi nesse período, o do vinil, que surgiu Elifas Andreato, um dos principais artistas da música brasileira, cuja obra pode ser revisitada na exposição Contornos da Música Carioca, em exibição no Centro de Referência da Música Carioca, na Tijuca, até dezembro.

Com quatro ambientes, instalações multimídia e reproduções do processo de criação do artista, a mostra adentra o universo do paranaense que ficou marcado pela contribuição à música do Rio de Janeiro. Paulinho da Viola é um dos destaques da exposição. O disco *Nervos de Aço*, de 1973, apresenta as lágrimas vividas de um homem pós-divórcio, que sintetizam as principais características das obras de Andreato: a compreensão da vida do músico e a interpretação das canções do álbum.

O historiador Paulo César de Araújo, professor do Departamento de Comunicação Social, destaca o lado militante do ilustrador, que sempre bus-

Traços do artista de alma musical

Exposição relembra capas marcantes de Elifas Andreato



Processo criativo de Elifas é exposto nesta reprodução do ateliê do artista



Nos iPads, alguns discos com arte assinada por Elifas podem ser ouvidos



A 'Ópera do Malandro', de Chico Buarque, está presente em tamanho real na exposição

cou enfatizar o povo brasileiro em suas criações. Assim como a MPB, a arte do paranaense mostrava um Brasil mulato e mestiço. Ele lembra, ainda, da entrevista que fez com Paulinho da Viola em 1994, na qual o sambista relembrou a época da produção de *Nervos de Aço*.

– Ele estava vindo de uma separação. Foi um disco muito dolorido para ele e a capa acentuou isso. Ele (Paulinho) fala que ficou até exagerada, que a

dor ficou muito mais marcante. Elifas carregou na tinta.

Um ponto interessante é o esquema de visitação para crianças. Escolas públicas e particulares podem agendar passeios com grupos de alunos que tenham no mínimo 7 anos de idade. Elas são convidadas a desenhar capas de discos, e, depois que a criação fica pronta, são presenteadas com um vinil para, então, levar o kit como lembrança para casa.